JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Abril
Maio/2014

Impresso Especial
9912290805/DR/BSB
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESCRITORES
CORREIOS

ANO IX
nº 57

www.anenet.com.br

A AVENTURA DE PUBLICAR UM LIVRO

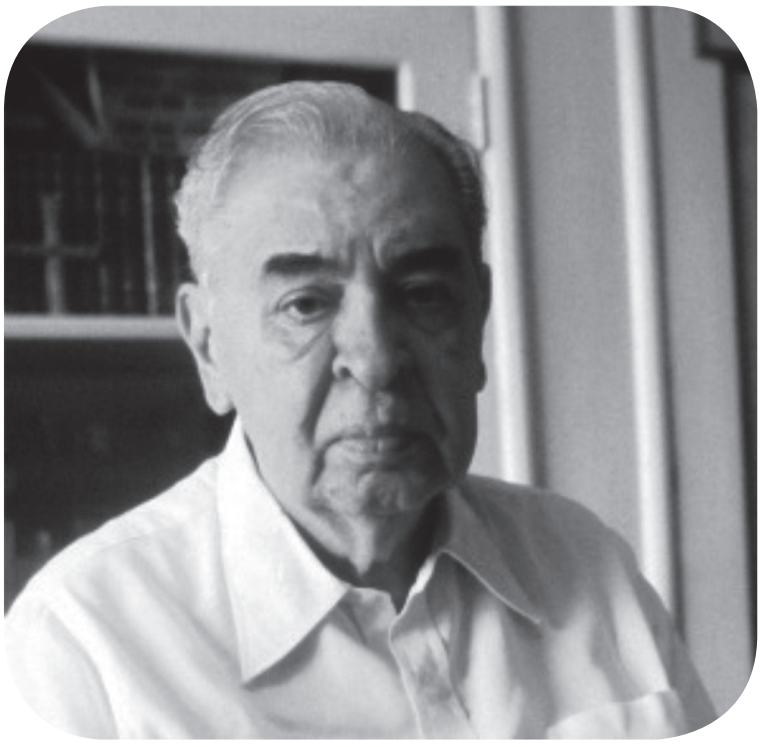
Alan Viggiano

Tenho à minha frente quatrocentos exemplares de *A fortuna poética de João Carlos Taveira*, que acabo de imprimir na Gráfica e Editora Ideal, de propriedade do casal Gisélia-João Ferreira, empreendedores que emprestam seu esmero e sua cordialidade aos autores de trabalhos de que são encarregados. Estou lambendo a cria. Caprichei nesse livro como se fosse um filho.

Continua na página 7

PEDRO NAVA – O ESCRITOR

Jarbas Maranhão



Pedro Nava fez desenhos, pinturas e versos, deixando, por último, essas artes, nas quais nunca se fixou, para ser o grande memorialista que foi, afirmando seu sentimento de artista, a índole de poeta.

Diz Miguel de Almeida que ele surpreendeu os amigos ao lançar em 1972 seu primeiro livro *Baú de Ossos*; que os assustou pela catártica qualidade, ampliando a dimensão da memorialística, a ela dando contornos fundamentais, reservados apenas ao romance.

Continua na página 3

MALBA TAHAN

Romeu Jobim

O Professor Júlio César de Melo e Sousa, o famoso Malba Tahan, para ser mais completo Ali Yesid Izz Edin Ibu Hank Malba Tahan, pseudônimo ou heterônimo por ele criado, foi, como consabido, autor de livros admiráveis que enriquecem nossa literatura, com histórias inesquecíveis a partir da cultura oriental, como *Amor de Beduíno*, *Lendas do Deserto*, *Lendas do Oásis*, *Lendas do Céu e da Terra*, *A Sombra do Arco-íris*, *Maktub!* e muitos outros, mais de cem.

Continua na página 10

POESIA E REALIDADE HUMANA

Eugênio Giovenardi

A época é de novidades tecnológicas. O ser humano experimenta sensação de orgulho diante do que pode. Manipula com magia os elementos oferecidos pela natureza. Descobre truques inacreditáveis para melhorar seus conhecimentos, debelar doenças, transmitir imagens com a velocidade da luz.

Continua na página 9

DRUMMOND NA BULGÁRIA

Rumen Stoyanov

Otabirano entrou no país balcânico não diretamente do Brasil, senão deu uma voltinha pela Suécia, onde chegou graças a Artur Lundkvist, membro da Academia Sueca de Literatura, a mesma que outorga o Prêmio (leia-se o dinheirão) Nobel. Em 1960 a Editora do Conselho Nacional da Frente Pátria (obviamente não se podia botar um nome mais curto) publicou o livro de viagens *Continente vulcânico*, traduzido por Margarita Popzlateva. Nele Lundkvist conta o que viu pela Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Chile, Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai, Brasil. A este último dedica o texto que vai entre as páginas 323 e 378. Sob o título de "O poeta no arranha-céu" lê-se:

"(...) Eu me limitarei a dar algumas impressões dum poeta brasileiro, talvez o mais interessante no momento: Carlos Drummond de Andrade. Além de poeta ele é também um enérgico trabalhador cultural e crítico, incansavelmente funcionando no Rio, mesmo que na sua personalidade encarne tudo o que compõe as contradições desta cidade linda, animada.

Continua na página 4

ENTRE O MAR E A MONTANHA

Danilo Gomes

Meu coração, que é boêmio de longa data, balança entre o mar e a montanha, entre o mar e o campo. Tanto me faz bem a visão do oceano batendo na praia – e neste momento estou em Cabo Frio, na panorâmica Praia do Forte – como a gostosa sensação de estar na montanha, no campo, na roça, que conheci na infância, já remota, no tempo dos trens-de-ferro, as marias-fumaça.

Meu lado country, sertanejo, ranchei-ro, roceiro, convive bem com minha banda oceânica, carente sempre do murmúrio das ondas, do marulhar das águas verde-azuladas que vêm de tão longe.

Meu coração não-ateu pertence às águas e à terra, simultaneamente, sem conflitos. Como diriam Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Mário de Andrade: meu coração é múltiplo, pertence ao mundo, que é vário e cheio de nuances, mistérios e abissais silêncios.

E é em silêncio que, sentado numa cadeira de praia, de camisa branca, calça comprida e mocassim sioux, contemplo a beleza do mar-oceano e sinto a bênção de sua brisa. Sou um rancheiro acostumado ao cheiro de estrume dos currais de minha infância, mas sou também um marinheiro que andou com as frotas da Descoberta, que sofreu com as calmarias e se alegrou com as descidas à terra, em busca de aguadas, caça, frutos silvestres e, quem sabe, uma bonita Iracema, uma tristonha Potyra de cabelos mais negros que as asas da graúna. Sou Rodrigo de Triana na nau que levava Colombo em 1492; sou Aires Gomes que veio com Cabral e naufragou na caravela que regressava; sou um pobre marujo cujo nome se perdeu num naufrágio esquecido.

Ah, meu gosto pela música sertaneja do saudoso Pena Branca, que conheci em Brasília. Ah, minha paixão pelo mar. Contemplo em silêncio a beleza e a grandeza do mar, sobre cujas águas sopra o Espírito sempiterno. É como se eu chegasse numa caravela ibérica. Quero chegar, quero partir, o coração aventureiro de um Fernão Mendes Pinto, um Ponce de León, um Cabeza de Vaca...

Meu coração aventureiro quer o mar, quer a montanha e o que está atrás da montanha. Sou desse jeito. Às vezes sou solar, matinal, às vezes sou crepuscular, noturno, lunar, penumbroso. Tropeiro e marinheiro, ando por este mundo de Deus Nosso Senhor, até que Ele decrete o fim desta minha atual peregrinação. Estou sob o sol da manhã dourada; estou caminhando solitário pelo vale da sombra da morte.

Em silêncio e meditação, contemplo o mar de Cabo Frio, como um náufrago, cuja consolação é o marulhar, mais a luz do dia, e a esperança de sobreviver, que a vida é um dom de Deus. Ao longe, surge um trivial navio mercante, talvez um graneleiro, em direção ao porto. Mas é como se fosse uma caravela para resgatar o náufrago e o levar de novo a uma velha taberna de Lisboa, onde contará suas peripécias mar afora.

Digo mais: meu coração sente uma saudade mourisca da Alhambra, uma coisa que vem de Granada. Meu coração não tem jeito, senhora, é uma nau sem rumo no mar-oceano desta vida.

Soneto do Mês

A MARIA IFIGÊNIA

Alvarenga Peixoto

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha acesa,
Vem conduzir a simples natureza,
É hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou, teus passos guia,
Despreza ofertas de uma vã beleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
Às santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a caridade,
Que amar a Deus, amar aos semelhantes,
São eternos preceitos da verdade;

Tudo o mais são ideias delirantes;
Procura ser feliz na eternidade,
Que o mundo são brevíssimos instantes.

(Seleção de Napoleão Valadares)

Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3244-3576 – Fax: 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

25ª DIRETORIA
2013-2015

Presidente: Kori Bolivia
1° Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2° Vice-Presidente: Fontes de Alencar
Secretário-Geral: Fabio de Sousa Coutinho
1ª Secretária: Maria Célia Nacfur
2º Secretário: Ariovaldo Pereira de Souza

1° Tesoureiro: Marco Coitelli
2° Tesoureiro: Eugênio Giovenardi
Diretora de Biblioteca: Thelma Rocha Pinheiro
Diretor de Cursos: Wílon Wander Lopes
Diretor de Divulgação: Jacinto Guerra
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera, José Santiago Naud, Napoleão Valadares e Romeu Jobim.

Jornal da ANE nº 57 – abril / maio de 2014

Editor
Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial
Anderson Braga Horta
Danilo Gomes

Revisão
José Jeronymo Rivera

Programação Visual
Cláudia Gomes

Composição e impressão: *Centro Editorial e Multimídia de Brasília.*
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

ALHOS E BUGALHOS

Fabio de Sousa Coutinho

Em memória de Victor Nunes Leal (1914-1985), no centenário de seu nascimento

Autointitulado de revolução, o *coup d'état* castrense de 1º de abril de 1964 não passou, melancolicamente, de um golpe no pior estilo do vizinho continente americano. Suas trágicas consequências ainda se fazem sentir até esta parte, como atestam os depoimentos prestados à Comissão Nacional da Verdade, para espanto e horror da cidadania.

No segmento cultural, a quartelada do Dia da Mentira, a exemplo do que ocorreu em diversos outros setores da vida brasileira, representou um duro retrocesso, institucionalizando a censura, a delação e o medo num território em que a criatividade humana só funciona à base de autonomia, independência e liberdade. Recém-saídos de um período luminoso nas artes, com o advento, entre outras conquistas imortais, da bossa nova, da literatura rosiana e do cinema novo, ingressamos, então, numa longa e trevosa quadra de limitação artística, de exílio dos grandes e vassalagem dos pequenos. Estes últimos, de cócoras para a tutela fardada que se nos impôs, escancararam sua verdadeira face, a do civil servil, elemento nocivo à sociedade, à família e à própria vocação histórica de nosso povo. Alguns desses répteis e sua espúria descendência política ainda nos espreitam e assombram, inseridos que se encontram na vida contemporânea do Brasil, cínicos locatários da curta e generosa memória pátria.

Hoje, decorridos cinquenta anos da escritura daquela página negra, ela está irreversivelmente virada, sendo objeto do desprezo da maioria absoluta e incontrastável dos cidadãos brasileiros, que reconquistaram a democracia, o estado de direito e seus corolários inafastáveis, com destaque, no campo intelectual, para as liberdades de expressão e de manifestação do pensamento e das ideias.

A aprovação, pelo Congresso Nacional, do PRN 4/2013, recente e crucial iniciativa de dois membros do Senado Federal, restabeleceu, *post mortem*, o mandato do Presidente João Goulart, o estadista deposto em 1º de abril de 1964, no pleno exercício de múnus constitucional conferido pelas urnas de 3 de outubro de 1960. Trata-se, no âmbito do século XXI, da mais importante decisão do Legislativo, ombreando-se a outros marcos históricos daquele Poder, tais como as Assembleias Constituintes de 1946 e de 1987/88, na centúria passada.

Agora, inda que com meio século de atraso, a Constituição da República prevaleceu, a dignidade política pontificou unânime e sem reservas mentais, ensejando a concretização do mais feliz e completo dos encontros democráticos, o da legalidade com a legitimidade. Ganhamos todos os brasileiros, libertamo-nos do abominável fardo da imoralidade golpista, expurgamos a nódoa que maculava a história recente de uma nação livre, ciente e consciente da distinção entre revolução e golpe, entre alhos e bugalhos, entre respirar e sufocar.

Continuação da página 1

PEDRO NAVA — O ESCRITOR

Jarbas Maranhão

Carlos Drummond esclarece:

> "Uns poucos sabíamos que Nava escrevia prosa de altíssimo teor, em que a linguagem se enriquecia de matizes estéticos oferecidos pela convivência com as artes plásticas, a música e a ciência."

Wilson Martins afirma que:

> "Com as suas memórias ele passou sem transição da categoria algo ambígua de autor bissexto para o plano mais rarefeito dos grandes escritores."

Mário Pontes reafirma

> "que poucas vezes na literatura brasileira a classificação grande escritor terá sido tão apropriadamente empregada." E aponta em sua prosa o sentido inovador.
> Não porque persegu1sse a novidade a qualquer preço, mas pelo espírito lúdico que trazia em si: a prosa de Nava é a de um homem que nunca foi abandonado pelo entusiasmo juvenil."

Ressalta, também – o crítico do *Jornal do Brasil* – em sua vida e obra, afinal inseparáveis, as lições de autenticidade, coragem e recusa à unidimensionalidade.

Para assinalar a importância do escritor cito ainda Nogueira Moutinho:

> "Com a morte de Guimarães Rosa, a literatura brasileira sentia a ausência de um criador de alcance universal: foi esse vazio que Pedro Nava passou a ocupar por direito de conquista."

E alude, em seguida, a três características que fazem das Memórias um monumento literário: o gênio criador capaz de conferir às lembranças o estatuto de criação ficcional; o intenso sentido nacionalista da obra; e o sensorialismo do estilo, pois ele escrevia com os cinco sentidos e chegara ao ápice de sua trajetória.

Pedro Nava analisou sua vida e a de outras pessoas; disse de entidades; fez roteiros de lugares e sítios históricos; integrou-se no tempo e na paisagem, retratando-os; interpretou um período brasileiro; e, tudo isso, com muita beleza, numa obra luminosa, que consumiu muitas horas, no empenho de realizá-la.

Escreveu por um impulso do espírito, como uma necessidade intelectual. Revelou:

> "O ato de escrever me desoprime, é mesmo uma libertação... Só escrevo o que penso... Meu único critério é ser fiel a mim mesmo, dizer sempre a verdade."

Ora, o apreço pela verdade é a qualidade básica do memorialista.

Talvez por isso não haja optado pelo ficcionismo, campo em que, penso, teria também brilhado, pois é evidente, em sua obra, um grande poder de imaginação, aliado à capacidade de descrever cenários, de penetrar na alma humana e definir tipos e personalidades, atuando num espaço e sob as implicações da época. Ele mesmo confessou que

> "transfigurar, explicar, interpretar o acontecimento é que é a arte do memorialista... forma anfíbia de historiador e ficcionista, e que ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação."

Foi motivo por que Carlos Drummond de Andrade referiu que ele não somente começou a contar a história de sua vida como a história social e cultural do Brasil no século XX.

O memorialista é realmente mestre no seu ofício. Senhor de uma técnica e de um estilo personalíssimo, de muito encanto, absorvente do leitor.

O saudoso Prudente de Morais Neto assinala não se encontrar em nossa literatura documento equivalente, proustiano pelo processo de reconquista do passado graças à memória involuntária.

Pedro Nava tinha o dom de sentir, em profundidade, e expor, minuciosamente, as reações dos homens; de focalizar, com nitidez, quadros naturais ou urbanos; de caracterizar o físico e o espírito das personalidades evocadas; de ajuizar costumes sociais e as tendências de seu tempo. Não tivesse sido também um poeta e um pintor.

As páginas sobre a moça que se suicidou, com um tiro no coração — após o diagnóstico de leucemia — e que ele amou com o arrebatamento da mocidade, são de uma rara beleza, como expressão de sentimentos delicados, de estados d'alma e da contemplação de uma cidade e seus hábitos.

Mostram a agudeza da inteligência e a penetrante sensibilidade do intelectual, o cultivo das artes e estudos literários, o gosto dos devaneios, as fantasias do escritor e toda a vitalidade de um homem de sentimento e espírito.

Continuação da página 1

DRUMMOND NA BULGÁRIA

Rumen Stoyanov

Ele nasce há 55 anos na pequena cidade de Itabira, no Estado de Minas Gerais, situado no alto e rico em minérios. Parece algo inermédio entre um mestre-escola faminto e um engenheiro ossudo. Seco e duro, como talhado em madeira, com um rosto côncavo de cavalo, com um sombrio ar puritano. A gente espera que, ao mover-se, em derredor dele algo ranja. Tudo nele parece contido, deprimido, negado. Ele fala baixo, não claro, rápido, como se o que diz não merecesse ser ouvido. Em derredor dele não se espalha a auto-suficiência típica do homem dos trópicos. Ele é crítico e irônico em toda sua natureza, hesitante e pessimista para consigo mesmo.

Mas ele não é apenas o que parece. Ele é um cavalo de trabalho, porém com asas, com inspiração. Em meio da sua modéstia e discrição nota-se uma segurança, uma dureza dominante. Ele representa não só uma vontade fina, tensa, tenaz ou uma faca que fende: ele é uma rocha de vincos profundos e fecundos, ele brota cada vez mais e mais num florescer surpreendente e formidável. Ele se guia por um sentimento inquieto, forte. Este homem pujante esconde em si um poeta extraordinariamente intenso.

Eu encontrei Drummond de Andrade antes uma vez, a meados dos anos 40. Lembro-o como um perfil agudo, uma gravura seca. Uma pessoa fraca e calada. Então Jorge de Lima (agora defunto) foi o primeiro em atrair para si o interesse e as simpatias, que esquentava com seus olhos grandes, cor café, com sua cor de folhas de fumo e café com leite. Ele era o mestre meigo e paradoxalmente combinado: médico, moralista, católico, revolucionário, surrealista e grande poeta. Junto a ele agrupavam-se colegas poetas, como o grande jesuíta Murilo Mendes e Frederico Schmidt, redondo à maneira dum diretor, igualmente católicos, místicos e espíritos de consciência social. Sobre o fundo, algo para si mesmo, estava Drummond de Andrade.

Hoje ele veio mais perto, enche o campo de visão dum modo completamente outro. Sua poesia é mais ampla e mais válida, com fortes razões políticas e sociais. Pessoal, originalmente aguda ela nunca foi. O que se acrescentou é um verdor mais rico, um frescor mais profundo, de manancial, uma circulação de sangue mais ampla.

Ao querer encontrar-me com ele, mandam-me ao Ministério de Educação e Cultura, no expediente. Andrade está no meio dum arranha-céu numa sala administrativa de caoba escura, onde parece que se dedica a um trabalho de arquivo. Ele faz girar a cadeira, me olha dum jeito penetrante através dos óculos, logo se lembra onde nos tínhamos encontrado da vez anterior. Me oferece dados exatos, aponta títulos de livros importantes para mim. Sim, na literatura tudo está aproximadamente como antes. O Brasil mudou em outro aspecto.

Drummond tem uma coluna constante de crítica e comentários atuais num dos jornais matutinos do Rio. Notas objetivas, vigilantes, quadros inesperados. Olho que não perde nada, com um raio luminoso de ironia. Drummond de Andrade consegue também escrever frequentemente versos, apesar dos muitos degraus e dos corredores compridos no arranha-céu. Muitos dos seus versos aparecem nos jornais e desaparecem: versos do momento. Outros são reunidos em poemários: tomos sólidos como *A rosa do povo* e *Claro enigma* ou coletâneas mais pequenas, como *Viola de bolso* e *Fazendeiro do ar.*

E o que é o especial na poesia dele? Ela, sobretudo nas condições brasileiras, é extraordinariamente não retórica, sem uma distância entre palavras e essência, entre roupa e corpo, entre sentimento e objeto. Ela tem um tom pessoal característico, direto, penetrante, exato. Ao mesmo tempo tem um acento livre e espontâneo, elasticidade, e agrada. Ela fala com pureza e clareza, é lúdica e faiscante. Tão dominada, moderada, tão certa, mas perto da chama e do êxtase. No poema "Confissão" diz-se:

> Não amei bastante meu semelhante,
> não catei o verme nem curei a sarna.
> Só proferi algumas palavras,
> melodiosas, tarde, ao voltar da festa.
>
> Dei sem dar e beijei sem beijar.
> (Cego é talvez quem esconde os olhos
> embaixo do catre.) E na meia-luz
> tesouros fanam-se, os mais excelentes.
>
> Do que restou, como compor um homem
> e tudo que ele implica de suave,
> de concordâncias vegetais, murmúrios
> de riso, entrega, amor e piedade?
>
> Não amei bastante sequer a mim mesmo,
> contudo próximo. Não amei ninguém.
> Salvo aquele pássaro – vinha azul e doido –
> que se esfacelou na asa do avião.

No seu arranha-céu Drummond de Andrade vive em meio da sociedade, está rodeado de pessoas e trabalho, olha longe afora por cima de terra e mar."

Ignoro se *Continente vulcânico* saiu em português ou pelo menos o trecho relativo ao Brasil, a Drummond. Por isso resolvi dar a conhecer o que Lundkvist escreveu sobre o mineiro, pois trata-se da imagem deste na Suécia, na Bulgária, das relações literárias do Brasil com os dois países, da projeção internacional do itabirano.

Segundo meu livro *Drummond e a Bulgária* (Editora UnB, 2007, 294 páginas) em nosso idioma conhecemos o escritor a partir de 1962. Com prazer corrijo-me: resulta que o encontro aconteceu dois anos antes, com um poema e um comentário. Coisas da vida: o primeiro Drummond búlgaro é made in sueco.

A POESIA DO CERRADO

João Carlos Taveira

A poesia de Emerson Vaz Borges, pelo cenário que descortina e pelos temas que apresenta, pode lembrar em uma primeira leitura o universo do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Depois, entretanto, o leitor é conduzido para outras paragens menos minimalistas. Emerson procura contato com paisagens e personagens de um mundo em expansão, enquanto Manoel de Barros se detém num terreno típico de ciscos e gravetos — microuniverso que, muita vez, escapa ao olhar humano. São ambos poetas do Centro-Oeste brasileiro, mas com suas temáticas distintas e equidistantes no reino das palavras.

Emerson Borges canta a fauna e a flora do cerrado, com seus verbos nervosos e inquietos, regidos por preocupação ambiental e movidos unicamente por instinto de defesa. E assim, seu livro *O cerrado vive em mim* percorre, adverso à contenção da forma, os caminhos de uma eloquência verbal muito próxima da crônica de costumes. São árvores, flores, frutos, rios, lagos, pássaros, insetos a testemunhar a evolução do homem — da infância até a idade adulta — pelos caminhos da natureza, em perfeita sintonia com o ambiente em que foi criado.

Nesse livro, meio arqueológico, meio documental, perpassa também a visão saudosista de quem sabe dos alvoroços surgidos na sociedade contemporânea com relação às políticas de preservação das florestas em nosso país. Suas mensagens procuram, todavia, o registro do que é belo e necessário à perpetuação das espécies no planeta. Por esse ângulo, é um canto de louvor ao homem simples da região e ao *habitat* natural de outros seres, que também veem ameaçadas sua casa, sua vida, sua sobrevivência.

Escritos em versos livres, com rimas consoantes e toantes, os poemas que compõem esta coletânea trazem, junto ao título, em latim, o nome científico de cada espécie referida (vegetal ou animal) e, ao pé da página, um verbete dos significados etimológicos de cada termo. O poeta compete, assim, com o notável botânico Pio Corrêa, em seu magistral *Dicionário de Plantas Úteis do Brasil*. Trata-se de um trabalho minucioso, de importância literária e ambiental, que há de enriquecer a leitura em diversos níveis de abordagem.

DAS MORTES EM VIDA

Flávio R. Kothe

Todos nós teremos como nossa última vivência o próprio morrer. Isso é indelegável. Ninguém pode morrer a morte de outrem, cada um tem de morrer a sua, já dizia o filósofo caxiense Gerd Bornheim, que descobriu um dia que estava com um tumor no cérebro e teria poucas semanas de vida. Nosso amigo Enio Squeff foi visitá-lo no Rio, assaram uma picanha e Gerd reconheceu com lucidez: "no meu caso, não tem jeito". Morreu como um estoico. Na última vez que me visitou, além de falar bastante do filho e de pintura, deu-me seu livro sobre Brecht, *A Estética do Teatro*. Ele foi estoico ao longo da vida também, pois embora tenha sido perseguido pela ditadura militar, tendo perdido o posto de professor na UFRGS, tido de sobreviver na França como porteiro e passado por diversas mazelas, não ficava se queixando. Sua obra foi uma vitória sobre os carrascos.

Como não mais seremos nós ao não mais estarmos aí, nós nada temos a temer. Nada mais vai acontecer conosco, pois não mais haverá o nosso eu para que lhe aconteça algo. Olvido ou fama, ódio ou boas lembranças, isso restará enquanto alguém se lembrar de nós, mas já não há de nos afetar. Todos aqueles que ocuparem os nossos espaços terão como sua reserva exclusiva também o próprio morrer.

Ao longo da vida, várias vezes temos de chutar o balde e dar a volta por cima: morremos uma situação, para ressuscitarmos diferentes em outra. Não somos mais os mesmos, nos transformamos, como tudo o que existe. Quem não renasce, regride, torna-se vegetativo. Como dizia Fernando Pessoa: um cadáver adiado que procria.

Depois de um ano fazendo a oitava revisão do que espero vá ser o livro *Arte Comparada*, na noite de 30 de dezembro concluí as 550 laudas. A sensação era de enviar um longo e-mail sem destinatário e sem esperar resposta; a fantasia, de estar concluindo algo como uma sinfonia, em que todos os instrumentos tinham de combinar até o fim. Poucas horas depois comecei a me sentir muito mal.

Passei o Ano Novo na UTI com septicemia aguda, com mais de 50% de chance de defuntar. Uma bactéria anônima queria me assassinar. Eu estava decidido a não dar, porém, tanta alegria aos inimigos. Os médicos não descobriram qual a bactéria que se apaixonou por mim nem por quê. Mas conseguiram tratar. O que refuta o pragmatismo americano que achava que se soubermos o que funciona na prática já se sabe toda a verdade.

Na UTI, com 39º de febre, eu não conseguia me mexer. Todas as forças do corpo estavam no campo de batalha que era eu mesmo. Entre o eu e a doença, entre o eu e o mundo, a doença construiu um delírio que fazia parte dela. Era um barato estar entregue às baratas. Eu via um jogo de xadrez num computador, mas congelado, no empate técnico de dois exércitos. Eu não queria que fosse assim, mas assim era.

Às vezes alguma peça se movia, um bispo indo comer um cavalo (o xadrez é um jogo indecente e impiedoso, o peão é capaz de comer a rainha na frente do rei) e naquela casa se abria uma tela com uma bela pintura; noutra casa, outra tela se abria. Daí o jogo voltava a congelar e eu nada podia fazer. De repente uma peça se movia — clique/claque — e na casa ocupada se abria uma cápsula com notas musicais que saíam pelo ar e cuja melodia eu podia ouvir. Faziam sentido.

As luzes da UTI me feriam a vista. Eu fechava os olhos, sabia que devia ficar tudo escuro, mas não! Eu continuava vendo, só que ora uma parede de barro em que escorriam filetes de água, como se fossem o sangue a correr entre os músculos, ora uma paisagem verde, com um regato cheio de peixinhos coloridos ou um canal pantanoso em que moluscos dançavam enfileirados como se fossem um corpo de baile. Entre mim e a morte, havia abrigos provisórios cheios de imagens, como se fossem catedrais submersas.

A mente humana é muito estranha. Eu sabia que estava tomado pela fantasia, mas nada podia fazer. Ela era mais forte que eu. Assim ela me livrava da doença, do perigo mortal que eu talvez corresse. Os médicos e enfermeiras me curaram e o barato acabou. A vida ficou mais cara. Ela é, afinal, a única coisa que temos para sustentar o que temos e não temos. Antes um burro vivo que um sabichão morto.

Menino

Emanuel Medeiros Vieira

Para Cida e Arnoldo

"E por amor de ti, em guerra o tempo enfrento.
Quanto ele em ti suprime, é quanto te acrescento."
(William Shakespeare)

Aqui não estás (mas "sinto" a tua presença imanente).
Não vi o primeiro dente, os cabelos aparecendo
mas estás aqui, no lado esquerdo do peito
teu sorriso inunda a casa
sempre restará a memória,
e parece tão pouco
não esqueço do teu sorriso,
menino,
da tua imensa ternura
apenas um ser – *e sempre um ser*
Apenas?
Colho uma pitanga no meio destes verdes – percebo que esse amor
vai à eternidade, e no exato momento desta escrita, alguns
pássaros estão cantando.
É cedo.
Ou é muito tarde – sempre
Amo-te menino – nada deterá esse amor.
Nele não existe oblívio – **estaremos juntos: para sempre**.

Saudade

Alberto Bresciani

I

Essa ampla presença
falta no corpo

Fugitivo de insultos
e do esfriamento

II

Por dentro, tua boca
respira em mim

(hemorragia inversa,
tontura e asfixia).

EM ROMA COM PEDRO, CYRO E AFONSO

Edmílson Caminha

Quando cheguei ao apartamento de João Cabral de Melo Neto para entrevistá-lo, quem primeiro perguntou foi o poeta, sobre o livro com que se levantara da poltrona para receber-me:

— Já leu?

Disse-lhe que ainda não, e ele:

— Estou encantado! Que painel magnífico da história, da cultura, das artes e dos homens que tornam única essa grande cidade!

Era o *Amor a Roma*, de Afonso Arinos de Melo Franco, que depois fascinaria a mim e a leitores refinados como Pedro Rogério Moreira, a quem inspirou para escrever *"Amor a Roma", amor em Roma* (Brasília : Thesaurus, 2013). Antes, o jornalista e escritor mineiro já colhera elogios com *Bela noite para voar* (2005), em que faz de Juscelino Kubitschek um atraente personagem que se desloca da realidade para a ficção, sem que claramente se distinga, por mérito do autor, o que é biográfico do que é fantasia. Assim também neste novo livro, quando Pedro Rogério volta a Roma para a emoção, que jamais cansa, de rever praças, monumentos e palácios, de ir a restaurantes para o gozo dos melhores vinhos e para a fruição da boa mesa – maior ainda se na doce companhia de Chiara, amiga italiana que assume o papel de guia. Invenção do escritor ou mulher de carne e osso, não importa: valem a força e a verossimilhança da personagem, que lhe conferem grandeza humana e brilho literário. Não queiramos saber se Chiara mantém, sobre a nudez forte da verdade, o véu diáfano da fantasia, como propunha Eça de Queiroz, uma das paixões literárias do autor. Real para uns, fictícia para outros, nessa instigante diferença está uma das riquezas da literatura.

Além do *Amor a Roma*, o narrador carrega na bagagem *O amanuense Belmiro*, romance de Cyro dos Anjos – bem diverso do primeiro, com que faz criativo contraponto. A obra admirável de Afonso o leva pelas colinas romanas, pelos bastidores do Vaticano, pelos pórticos imperiais, que Pedro contempla como os milhares de visitantes que diariamente os admiram; já a machadiana história de Belmiro o induz a voltar-se para si, de modo que nele se harmonizem os dois espécimes caracterizados pelo filósofo francês Michel Onfray, na sua *Teoria da viagem*: o turista, que olha para fora, e o viajante, que olha sobretudo para dentro de si mesmo. A propósito, comenta Pedro Rogério: "Já é bem conhecido o dito de que a melhor viagem é aquela que fazemos dentro de nós mesmos. A viagem dentro da viagem. Xavier de Maistre a fez 'em torno do seu quarto' e escreveu um livro clássico. Quem se dispõe a ter um diário, registra a viagem se conseguir vencer a barreira do tom confessional."

Sobrevivente de uma espécie brasileira em extinção – a dos jornalistas que sabem escrever –, o autor conta boas histórias como se estivesse entre amigos. Uma delas se passou com o polêmico dono da Construtora CR Almeida, conhecido por negociatas com o Governo: "Num dia em que fui almoçar na casa de *dom* Cecílio Rego Almeida, em Curitiba, contei-lhe a passagem do Boissier sobre a frequência com que Júlio César visitava as tendas dos empreiteiros. *Dom* Cecílio escutou com atenção. Ao fim do meu relato, ele, com aquele pragmatismo de altíssimo grau (sua empresa era uma das 'sete irmãs', assim chamadas as maiores construtoras do Brasil), comentou, a sério, para a minha despudorada gargalhada: — Está vendo? Está vendo? Se César, em vez de ir para o Senado, tivesse ido para a casa dos empreiteiros, estaria vivo até hoje!"

Outra se deu com a bela e jovem mulher de um embaixador do Brasil em Roma, durante recepção ao senador José Sarney. Todos se surpreenderam quando a embaixatriz declarou, com a maior naturalidade, ser a favor da poligamia. Ao que um diplomata brasileiro comentou baixinho, com discrição e bom humor: "Pois eu prefiro a monotonia..."

Ao despertar em um hotel que lhe reservou a amiga, anota Pedro Rogério: "Medito sobre o ato de escrever. Não sou profissional da palavra; já fui, como repórter e editor. Tenho uns livrinhos por aí. Considero o escrever um impulso de vaidade. É o pecado do qual peço perdão quando me confesso, mesmo por telepatia, como ontem em Assis. Já escrevi isto? Perdão, cometo seguidamente os mesmos pecados." Entre esses deslizes veniais não se inclui, podemos estar certos, o de escrever mal. *"Amor a Roma", amor em Roma* é livro que se lê prazerosamente, pela correção da linguagem, pela riqueza das ideias e pela elegância do estilo. Como se, convidados por Chiara, estivéssemos à mesa de um café romano com três mineiros luminosos: Pedro Rogério Moreira, Cyro dos Anjos e Afonso Arinos de Melo Franco.

O EROTISMO, O DIVINO E BRENNAND

Marco-Aurélio de Alcântara

Santo Isidoro de Sevilha, tantas vezes citado por José Luis San Pedro (da Real Academia Española de La Lengua), em seu livro sobre lesbianismo e travestismo ("El Amante Lesbiano"), apontava que o erotismo estava até nos êxtases dos Santos – ele próprio um Santo. E o corpo humano é princípio da Divindade; e o Erotismo, queiram ou não zelotes protestantes e ortodoxos católicos, está associado ao Erotismo sob todas as suas formas. Há uma escola filosófica que diz que quando dois corpos se penetram estão realizando a utopia dos pólos contrários, própria da divindade, cujo maior atributo é ser um em dois. Brennand escreve-me:

> "Mircea Eliade concebia a sexualidade como um sinal particular de toda e qualquer realidade viva... o mundo inteiro, tanto o mundo 'natural' como o dos objetos e ferramentas fabricados pelo homem, apresenta-se como sexuado."

E a propósito, recebeu uma visita na sua Oficina da Várzea de uma Senhora estrangeira (quem?) que lhe enviou um e-mail, mais tarde, pela sua filha Helena Viktória. Foi "uma experiência desconcertante e reveladora – diz. O meu reencontro com o elo perdido, a minha reconsideração da fé... Brennand me fez entender nessa carta que a eternidade se manifesta através do corpo. Há que se perpetuar a alma por intermédio do corpo, na concepção dos descendentes. Enquanto houver reprodução, haverá garantia de eternidade". Pela primeira vez, fiquei grata – diz a senhora – e emocionada pelo trabalho de um artista. Brennand presta um serviço monumental à humanidade com a sua obra. Desmitifica, sem prejudicar o mistério. Ensina apologia, sem patrulha, sem levantar bandeira". Brennand – apesar da mediocridade provinciana dos que em governo passado, tentaram "censurar" suas esculturas no Cais do Porto do Recife (e sabemos quem foi) – faz entender que a eternidade se manifesta através do corpo (e da reprodução) e há que se perpetuar a alma por intermédio do corpo. Se o poeta César Leal estivesse vivo – acrescenta o artista – logo lembraria Dante e o amor que faz mover o sol e as outras estrelas.. Não se trata da apologia do Erotismo ou do Pornográfico (a escultura Brennandiana), como gritava aquele político provinciano, em altos brados, no Gabinete do líder do PFL na Câmara dos Deputados, arvorando-se de moralista "sans peur et sans reproche". E o que espantava era a sua carapaça de Tartufo (1664), saído das páginas de Molière. Tartufo, personagem de Molière, apresenta-se como homem piedoso, de ar submisso, dirigindo aos Céus as suas orações e súplicas e suspirava, aspergindo água benta. Para ele tudo é pecado. E enquanto moraliza, olha, com concupiscência, as mulheres dos outros.

Continuação da página 1

A AVENTURA DE PUBLICAR UM LIVRO

Alan Viggiano

Quando dou o título de "aventura" à publicação de um livro de poesia, não pretendo comparar o feito com escalar montanhas ou surfar em águas tenebrosas; é muito mais que isso.

Em primeiro lugar. Procurar as editoras comerciais será em vão; quase todas elas declaram, em seus sítios, que não publicam livros de poesia. Mas na realidade algumas fazem exceções e o meio com que chegam a isso é um mistério, deixa pra lá. O resultado é que temos de publicar por nossa conta, como, aliás, sempre fizeram os poetas em todos os tempos.

Empenho mesmo eu tive foi na elaboração e na revisão de originais. A extensão e a qualidade das apreciações sobre a poesia de João Carlos Taveira tomaram um ano inteiro de trabalhos forçados; mais do que isso, pois exigiu principalmente empenho intelectual não só meu, como do João Carlos Taveira; e do José Santiago Naud que, além de revisar, escreveu o magnífico texto de apresentação do livro.

Quanto à revisão, só eu fiz umas cinco e espero que pelo menos erros graves tenham sido evitados. Isso faz lembrar a anedota antiga daquele escritor que caprichou na revisão de um livro seu e, quando percebeu que chegara à perfeição, escreveu no fim: "Este livro não comporta eratas." A atividade de revisor requer, antes de tudo, humildade.

Eis o magnífico texto com que José Santiago Naud apresenta o livro *A fortuna poética de João Carlos Taveira*:

Encontro primoroso de fervor e inteligência, este registro literário agora publicado reúne dois importantes escritores residentes na capital federal, Com grande felicidade vem comprovar, em prosa e verso, a prestigiosa posição de Alan Viggiano e João Carlos Taveira no cenário das letras nacionais. Alan desenvolve aqui a sua conferência pronunciada na ANE o ano passado quando com amplitude já abordara personalidade e valores estéticos na obra do poeta Taveira. Ressalte-se a virtude de riquezas primordiais oriundas na província e orientadas a partir da originária Caratinga ou Inhapim, ampliada em dimensão de universo.

A identidade brilhante dos autores, somando interesses afins, confirma circunstâncias singulares que destacam então coletivamente toda a sinergia da terra mineira, movida à manifestação da mais viva nacionalidade. Assim, a estrutura coerente do livro faculta-nos o ingresso fecundante num denso e extenso território lírico, plenamente construído com toda a probidade. A confidência objetiva do estudo reproduz profusamente a fortuna crítica do poeta, situando ou reproduzindo seus versos fiéis ao evoluir cronológico e segundo precisa bibliografia. Alcança ainda a claridade explícita de uma conclusão onde o fazer literário, iniciado a partir do limite pessoal, ascende a instâncias da realidade dimensões infinitamente superiores. No cerne desta mensagem, indubitavelmente humana, afeita o poder do verbo, – exímio e escrito com sabedoria, – desvela-se a exatidão de uma forma unívoca e absolutamente original de dizer.

Inúmeras afirmações críticas de óbvia constatação ilustram a certeira trajetória de Taveira, e já se encontram afiançadas por nomes prestigiosos. A relação dos títulos é consistente e bastariam as publicações, a que o poeta prestou o concurso de suas invenções e juízo de valor, para consagrar o seu esforço e confirmá-lo como autor de franca projeção. Coevo de quantos se firmaram na década de 1980, é lídimo herdeiro de experientes gerações pregressas e antecipa os achados mais felizes de expressões subsequentes. Valha aqui uma referência que o singulariza: sua afeição à música erudita e atenção assídua a concertos seletivos ou a discografia de clássicos e contemporâneos podem explicar muito bem o harmonioso resultado em seus poemas – exatos na técnica (menos por ela do que pela essência verbal e plenos de expressiva sonoridade). Firma por si próprio o melhor que se produziu na poesia brasileira. A hermenêutica do Alan não tergiversa. Diz, textualmente:

> "Verdadeira aula universitária e universal sobre a Poesia (...) lembrando a urgência de retomarem as faculdades esse estudo, para superação das carências midiáticas, ao encontro da alma de Minas, do Brasil e da alma universal."

Andou bem, inclusive, ao reproduzir nas primeiras páginas do seu estudo a capa do livro

Arquitetura do homem, a obra síntese do poeta, escrita após um jejum de doze anos, mas reflexo de uma vida inteira votada à Poesia. Ali, com a inspiração do "homem vitruviano", geometricamente inscrito nas figuras do quadrado e do círculo, evoca-se o pensar de Leonardo da Vinci, provavelmente o espírito mais completo surgido na espécie humana. Soma de visível e invisível, o Céu e a Terra em conjunção perfeita para a excelsa harmonia entre Mundo e Ser.

É assim. João Carlos Taveira confirma sua vida entre imagem e palavra. Augura-nos, além das sombras do agouro, a suspensão contingente pelo sopro do cósmico.

José Santiago Naud

Eis a lista das personalidades que, de uma forma ou de outra, estão envolvidas com o livro *A fortuna poética de João Carlos Taveira*: Anderson Braga Horta, Aloísio Santana, Agnaldo Timótio, Antonio Carlos Osorio, Antônio Roberval Miketen, Antônio Olinto, Ático Vilas-Boas da Mota, Altino Carlos, Antônio Carlos e Luís Carlos (irmãos), Arthur Eduardo Benevides, Antonio Machado, Aglaia Souza, Agripino Grieco, Alphonsus de Guimaraens Filho, Alberto da Costa e Silva, Albert Vonn Brum, André Quicé Editor, Afonso Felix de Sousa, Altimar Pimentel, Ariadne Paixão, Aricy Curvelo, Antônio José de Queirós, Alexandre Marino, Affonso Romano de Sant'Anna, Affonso Heliodoro, Altino Caixeta de Castro, Antenor Bogéa, Afrânio Coutinho, Adriana C. Lopes, Baden Powell, Bo Wildeberg, Berta Singermann, Cyl Galindo, Cyro dos Anjos, Cassiano Nunes, Carlos Alberto Abel, Carlos Nejar, Carlos Scliar, Cecília Meireles, Chico Nóbrega, Cláudio Feldman, Darcy Damasceno, Domingos Carvalho da Silva, Dona Emília (mãe), Dilermando Rocha, Dalila Teles Velas, Domingos Pereira Netto, Danilo Gomes, Esmerino Magalhães Júnior, Erich Quierbach, Edson Guedes de Morais, Enéas Athanásio, Eduardo Rangel, Eugênio Giovenardi, Flávio T. Lyra, Fábio Lucas, Flávio René Kothe, Fernando Mendes Vianna, George Durand, Gisélia e João Ferreira, Gerson Valle, Grácia Cantanhede, Hildo Honório do Couto, Heitor Humberto de Andrade, Heitor Martins, Henriques do Cerro Azul, Hilda Mendonça, Haroldinho Mattos, Ivan Junqueira, Ildebrando David de Souza, Jaime Sautschuk, José Aparecido de Oliveira, Jorge Antunes (maestro),Juan Ramon Jimenez, Jotta Marinho, José Santiago Naud, José Geraldo Pires de Mello, José Manuel Guedes,José Maria Leitão, Jarbas Júnior, José Jeronymo Rivera, José Godoy Garcia, Jacinto Guerra, Jorge de Lima, Joanyr de Oliveira, José Hélder de Souza, Jurema Barreto de Souza, Joaquim Cardozo, J. Galante de Souza, Kori Bolivia, Leda Maria Vilaça Ferrer, Luís Manzolillo, Luís Costa Velho, Luís Carlos Guimarães da Costa, Miguel Iano de Andrade, Magalhães da Costa, Margarida Patriota, Maria Hele na, Maria Izabel Brunacci, Mário Quintana, Mário Hermes Viggiano, Mário Gibson Barboza, Maria Braga Horta, Micaela Guitescu, Manuela Alegria, Menezes y Morais, Marco Polo Haikel, Napoleão Valadares, Nilto Maciel, Newton Rossi, Nicolas Behr, Omar Brasil, Osmar Kraus, Olga Savary, Paulo Bertran, Paulo Iolovitch, Perpétua Flores, Pedro Lyra, Paulo Gontijo, Roberto Corrêa, Romeu Jobim, Ronald Figueiredo, Ronaldo Costa Fernandes, Ronaldo Cagiano, Ronaldo Mousinho, Rui Gonçalves Doca, Rosana Crispim, Salomão Sousa, Sílvio Barbato, Solimar de Oliveira, Tânia Kerr, Tânia Mendes Vianna, Turma do Pererê (Ziraldo, Tininim, Galileu, Saci, Geraldinho, Moacyr, Pedro Vieira, Paulo Nogueira), Viriato Gaspar, Victor Alegria, Wilson Pereira, Yanderson Rodrigues, Yolanda Jordão.

A POESIA DE NORMA ETCHEVERRY

Ronaldo Cagiano

Poeta e jornalista argentina nascida em Ranchos (Pcia. de Buenos Aires) em 1963, é formada em Letras e Filosofia em La Plata, onde reside. Integra antologias nacionais e estrangeiras. Publicou *Máscaras del tiempo* (1998), *Aspaldiko* (2002), *La ojera de las vanidades y otros poe*mas (2010) e *Lo manifesto y lo latente* (2011). Como afirma o poeta, ensaísta e crítico César Cantoni, a autora "se vale da palavra poética para indagar sobre sua condição de mulher e intentar conhecer a si mesma. É esta uma tarefa que empreende desde sua realidade doméstica, enquanto lava, passa ou prepara receitas de cozinha com eróticos adereços. O legado ancestral, a infância, os laços famíliares, o amor e a morte se apropriam de seus poemas e mostram as marcas que a vida vai deixando nela."

RELEITURAS

Anseio teu olhar no papel
de onde costumávamos decifrar
os sinais
desta vigília permanente
tenho saudade desses pequenos costumes
agora
que seus olhos se desviam de mim
e se parecem mais do que nunca com a parede
nua que construímos juntos,
na qual, após o assombro inicial,
sabíamos escrever "te amo"
e outras
vulgaridades de estilo.

A FRÁGIL

Era
a noite e não chovia
as luzes e os automóveis na estrada
vasos de plástico rodando pelo asfalto
os trilhos da ferrovia
Coltrane
e as gotas de água que caíram pregadas nos vidros
que lástima sua pele, seu cheiro
seu abraço
"escrevo com lápis, é possível que
um dia desses venha e o apague"
disse
à primeira vez.

O POEMA DEVERIA SER ALGO QUE SE PLANTA

O poema não é algo que se constrói
mas algo que se planta.
Miguel Torga

O poema deveria ser *algo que se planta*
como um arbusto
uma sebe uma macieira
que é irrigada sem saber os riscos
O que fica em segundo plano
o que vem à luz
somente deveria dar conta da nossa pequenez
sobre a terra
da nossa imperceptível sombra
e nosso nada no tempo
ou melhor ainda de nossa máxima aspiração: que
um pássaro ou uma
criança
pouse alguma vez
em seus ramos.

INSETOS I

Os pequenos insetos dançam em círculo
colidem uns com os outros cegados pela luz
que artificialmente
desenha suas prematuras sombras.
Suas breves vidas se deslumbram
num giro após o outro
inutilmente.
Assim os homens
por demasiada lucidez ou demasiada leveza
sucumbem.

INSETOS II

Então cai a noite
e não somos mais que sombras chinesas
sobre o mundo
cemitério de nada
flores quietas
sob o golpe efêmero da água
Cada manhã, como as borboletas
insetos de luz
voltamos a crer na mundana concupiscência
dos dias.

COMO NASCE UM LIVRO

Carlos Magno de Melo

Estava com Victor Alegria, ambos sentados em poltronas de plástico, em um barco. O cheiro salgado vinha do mar. Tomávamos vinho tinto acompanhado de presunto defumado. Falávamos da língua romena. Falávamos de Ovídio, poeta romano que morou em Bucareste. A brisa nos refrescava. Estávamos navegando o Danúbio e adentrávamos o delta, rumo ao Mar Negro. Nós e mais quarenta e nove brasileiros. Estávamos na Romênia. Eles, com o objetivo de divulgar a nossa literatura e nossa arte. Eram escritores, artesãos, pintores e intelectuais que participavam da "Primavera Romena", evento idealizado por Victor Alegria, buscando estreitar relações artístico-culturais. Eram pois, embaixadores das artes de Brasília e do Brasil naquele remoto país, nas portas da Europa Central. O único não, digamos, artista, era eu. Fora com o objetivo de fazer prospecção para negócios envolvendo pequenos empresários do Distrito Federal na Romênia.

Em dado momento, falei ao Victor que havia escrito um romance. Ele me olhou e me perguntou onde o havia publicado. Claro, era apenas um manuscrito. Victor sorriu aberto e me disse com o sotaque português que não o abandona, embora more no Brasil desde antanho, que eu lhe mandasse o meu livro quando chegássemos ao Brasil. Se o conselho editorial da editora o aprovasse, ele o publicaria. Publicou.

Assim nasceu "Bar Castelo", isso em 2000. Depois vieram "O Espírito do rabo do fogão", "Mata Serena", "Longe da mão do rei", "Livramento Pentecostes", "O manuscrito de Madri", "Canção da água" e "Uma canção de ninar para o diabo". A Thesaurus Editora, pode-se dizer, então, descobriu-me como escritor. E eu e o meu editor estávamos tomando um vinho muito conhecido na Romênia e comíamos presunto. Navegávamos o Danúbio rumo ao delta, ao Mar Negro. E eu com um manuscrito na gaveta. Um manuscrito que convenceu o conselho editorial da editora e me abriu o caminho para a publicação. Outros três livros foram editados por outras duas editoras. Mas, é aquela história: lugar certo, hora certa e estar preparado.

Nasceu entre mim e Victor Alegria uma sólida amizade. Viajamos, grupos de intelectuais, Victor e eu, então como escritor, a Portugal por duas ocasiões. Palestras, tardes de autógrafos, intercâmbio cultural e, claro, vinho.

Agora, semana passada, chegou à minha casa o editor. Veio me apresentar um projeto, sobre o qual falamos em Brasília há uns meses. Victor me encomendou um romance. Queria me apresentar o ponto de vista de editor. Falou sobre aspectos de divulgação, estratégia, arte de capas, diagramação e desejou ouvir as diretrizes que eu havia tomado para a ideia do romance (sim, será um romance). Ficamos quatro dias discutindo o projeto. Claro, tomamos vinho, falamos sobre política, história, literatura valenciana, poesia, arte e mulheres, pois que ninguém toma vinho sem falar nelas. Pois é, e assim nasce um livro, mesmo antes de ser grafada uma única letra.

Sagaz, Victor me presenteou com uma caneta e, para que eu não me esqueça do tempo, também com um relógio...

Dois poemas de Antônio Carlos Santini

Noturno (2)

Caminhamos na noite. O itinerário
Não tem luar no trânsito noturno.
Espinhos quebram sob o teu coturno
Enquanto buscas pelo teu fadário.

Na escuridão, o pensamento é vário,
A vontade inconstante, o humor soturno,
Mas a ninguém podes ceder o turno
De encenar a tragédia no cenário.

Ouves o coro? Escutas a sibila?
Vaticinam o fim da tua argila
Esmagada aos pisões de um deus cruel...

Mas a Graça que levas sobre os ombros
Há de injetar a Vida em teus escombros
E arremessar-te acima do teu céu!

Viagem

Tudo aquilo que vive é sempre vário.
Se alguma coisa vive, sempre muda:
O tronco deixa a pele e se desnuda,
A cruz ressurge sem o seu sudário...

Ah! Tudo flui e segue o necessário
Ciclo vital na pressa mais aguda:
A cigarra da casca se desgruda
E a fonte vai rolando ao estuário.

Não sou mais quem eu fui: minha alma é vaga
Que se agita e ondeia e agride a fraga
Na revolta de quem não quer barragem...

E, acendendo vulcões dentro do peito,
Meu rio salta longe de seu leito
E recomeça a inédita viagem...

Continuação da página 1

POESIA E REALIDADE HUMANA

Eugênio Giovenardi

No âmbito da convivência social, no entanto, mal saímos das cavernas. Há que dominar feras, domesticar animais, transformar florestas em campos de soja. Onde o anúncio da grandeza humana ainda não encontrou ouvintes é em si mesmo. O homem continua sendo o lobo do homem.

O planeta é uma vasta arena onde se batem com barbarismo e soberba tecnológica os mesmos seres humanos que amam, riem, choram e morrem. A história humana em sua grandeza é feita de tragédias cantadas em versos ou gravadas nas paredes rupestres habitadas por nossos ancestrais. No canto dessas tragédias que cobrem de pessimismo e angústia o viver, poetas amenizam a frustração e a morte num apelo harmônico à gravidade dos fatos e à singeleza da vida.

Dão voz à realidade essencial da igualdade contra a ganância, a imposição, a dominação de uns sobre outros, dos fortes sobre os fracos. Alertam os leitores. Contestam a barbárie. Lamentam a incompreensão de cidadãos da mesma pátria. Repreendem a ousadia prevalecida dos prepotentes. Comprometem-se com o que há de mais nobre na humanidade sem a pretensão da poesia engajada.

Trago, neste contexto, "O Canto do Piaga", de Gonçalves Dias, escrito em sua juventude. Em três séculos de Brasil, a atrocidade quase extinguira as tribos tupis. Vinha-se de longe a destruir civilizações milenares. Na ânsia de despertar no índio a luta pela sobrevivência, o poeta previu-lhes a desgraça que a nova civilização lhes traria:

"Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser.

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão."

Vê, na resistência do índio, a dignidade de morrer lutando. Chora o índio porque chorar é humano. No quase épico "Y-Juca-Pirama", cujo significado é "aquele que é digno de ser morto", o poeta interpreta os sentimentos do guerreiro.

Ante a morte, sabendo-se escravo e dominado, recupera a dignidade de homem livre antes do fim:

"Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer."

Contemporâneo do poeta indianista, Castro Alves tomou as dores do negro, tido como etnia inferior na sociedade e sem valor mítico para a nova civilização. "O Navio Negreiro – Tragédia no Mar" – foi concluído quase vinte anos depois da promulgação da Lei Eusébio de Queirós, de 4 de setembro de 1850, que proibiu o tráfico de escravos. A proibição legal, no entanto, não impediu que navios entulhados de negros semimortos chegassem aos portos do Brasil. Castro Alves denuncia a miséria a que eram submetidos os africanos na travessia oceânica. Menos da metade dos embarcados na África completavam a viagem com vida.

Descrente de que se pudesse implorar clemência aos traficantes de homens, mulheres e crianças e aos messiânicos da nova civilização ocidental e cristã, dirige-se em tom de desespero e frustração ao Todo-poderoso:

"Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?"

Creio que poucos poetas como Gonçalves Dias e Castro Alves pintaram na tela imensa do Brasil a sensibilidade da alma brasileira. O índio e o negro continuam sendo a ferida de nossa pele resistente ao antibiótico da convivência igualitária da essência humana.

O romantismo poético mergulhado no individualismo, na solidão, na melancolia, na frustração do amor e na inevitabilidade da morte recebeu um novo tema civilizatório: o respeito ao ser humano construído sobre a mesma estrutura biológica e o mesmo destino final.

Mas a convivência social é tanto mais harmoniosa e compreensiva quanto mais a diversidade de vidas existentes na natureza estiverem presentes como exercício do diálogo entre as pessoas. O respeito por todas as formas de vida é o fundamento da convivência humana. As árvores, as flores, os pássaros, os animais têm em comum com a espécie humana o elemento vida.

Completo este breve passeio poético lembrando o singelo poema do contemporâneo poeta João Carlos Taveira ironizando a inveja humana. Com certeza, os nomes das aves do poema ("Pequena fábula sobre a inveja") o poeta poderia substituir por outros humanos desfazendo a ironia para expor a realidade do cotidiano.

O jaburu fala mal do pavão,
porque a beleza o incomoda.

O pavão fala mal do tucano,
porque não sabe voar.

O tucano fala mal do sabiá,
porque não sabe cantar.

E o sabiá, por sua vez,
não fala mal de ninguém.

No Renascimento, a intuição de quem imortalizou Mona Lisa sinalizou o mistério da vida invisível: "Chegará o dia em que os homens conhecerão o íntimo dos animais e, nesse dia, um crime contra qualquer um deles será considerado um crime contra a humanidade".

Continuação da página 1

MALBA TAHAN

Romeu Jobim

Nascido em 6/5/1895, no Rio de Janeiro, e falecido em 18/6/1974, em Recife, após uma de suas inumeráveis palestras, lecionou em diversos estabelecimentos, sempre utilizando seus métodos de descomplicar o ensino, em razão deles sendo hoje um dos ícones da Escola Nova, que vai ao encontro dos interesses do aprendiz, motivando-o para o exposto nas aulas. Ensinou Geografia e Física, mas sobretudo Matemática, em colégios como a Escola Normal do Rio de Janeiro, Pedro II e outros.

A ideia de um sábio persa a contar as histórias que criava, lhe surgiu, como forma de dar a volta por cima, em face da dificuldade em colocar seus artigos nos jornais da época. Por intermédio de Malba Tahan, com *biografia* nos livros, cada qual mais apreciado, sob a forma de contos e romances, pode-se dizer, com relação à nossa literatura, que terá feito mais do que os próprios orientais, chegando suas obras ao número de 120.

Foi Humberto de Campos, intrigado, como todos, com aquele extraordinário sábio persa, quem descobriu e revelou sua identidade. Malba Tahan – proclamou aos quatro ventos – era o professor e escritor carioca Júlio César de Melo e Sousa!

"O professor de Matemática – costumava dizer Melo e Sousa, em suas palestras – é geralmente um sádico", conceito que, por vezes, tive e certamente teve o leitor ensejo de confirmar...

Em meados da década de 1950, terminava o Curso de Magistério na Faculdade Nacional de Filosofia, quando assisti a uma palestra de Malba Tahan (vale dizer Melo e Sousa) para alunos-mestres. Foi a primeira e única vez que o vi. Nossas aulas, geralmente, eram em um galpão grande, coberto de palhas, perto do Largo do Machado, no Rio de Janeiro. A sala, naquele dia, estava cheia, graças, por certo, ao autor da palestra.

Pois bem, depois de falar sobre o charme da Escola Nova, em que o professor não *transmite* conhecimentos, mas *leva* o estudante a aprender, mediante o próprio *interesse* e a *motivação*, o palestrante explicava que, na Matemática, além de deduzir, temos de saber algumas fórmulas de cor. Passou, então, a mencionar recursos práticos, que davam certo.

– Vejamos a fórmula do cosseno – prossegue ele –, em que, depois de deduzir formulações, temos de lembrá-las, com facilidade. Ora, é só recorrermos, exemplificando, ao poema de Gonçalves Dias, que todos conhecem:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá!
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá!
E dizemos, então:
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá!
Cosseno a, cosseno b,
Cosseno b, cosseno a!

Exatamente nesse instante, começa um barulho na cobertura de palha do prédio. Todos olharam para cima. Era uma enorme mariposa ou borboleta que, acordando, procurava escapar para fora do prédio. Vendo de que se tratava, Júlio César disse que Malba Tahan, um dia, passara por situação semelhante. E prosseguiu:

– Vejam como suas cores são bonitas. Trata-se, evidentemente, de um lepidóptero, que veio da floresta próxima, ali do morro, a fim de passar a noite aqui em nossa cobertura de palha.

Homem de grande saber, continuou a falar de borboletas e mariposas, com a mesma desenvoltura como expunha o que estava dizendo antes. De repente, cerca de cinco minutos decorridos, a visitante encontrou a saída que procurava e ganhou a liberdade. Imediatamente, Júlio César, ou Malta Tahan, como queiram, voltou tranquilamente ao assunto que estava desenvolvendo, antes do aparecimento da borboleta ou mariposa.

Em concluindo a palestra, uns quinze ou vinte minutos após, o ilustre professor, reportando-se à visita que tivemos, frisou que, no decurso de uma aula, nada se deve perder. E, como não podia deixar de ser, ao final ganhou merecida salva de palmas dos alunos-mestres e de todos os presentes.

Lembrando aqui a figura de Malba Tahan, recorda-me que, anos mais tarde, assistia eu a uma solenidade literária e tive ocasião de me beneficiar da presença de espírito do saudoso mestre. É claro que não me referi a ele.

Fazendo parte da mesa, como magistrado acaso presente, deram-me a palavra. Tomado de surpresa, ainda houve que meu celular (ou telemóvel, como estão dizendo os portugueses), novidade da época, tocou precisamente quando me levantei.

Atendi ao telefone, sem nada dizer antes à plateia, certifiquei-me de que o assunto do telefonema não requeria urgência e, voltando-me para os presentes na sala, disse-lhes, com tranquilidade, algumas palavras sobre a Tecnologia que, afinal de contas, não devia prejudicar, mas ajudar a literatura. Em seguida, superada, como o foi, a distração de ter deixado o telefone ligado durante a solenidade, e após meditar de permeio sobre o que devia falar na ocasião, pude dizer, com segurança, tudo que a mim e a todos pareceu oportuno sobre o evento.

E até, como Malba Tahan, ganhei palmas ao final!

Brasília revisitada

João Carlos Taveira

A Adirson Vasconcelos

Que sei de ti?
Que sei de mim?
Volto às origens
de tudo: barro.

Tumulto e barro
mal comprimidos
no largo espaço
do meu espanto.

Vagas lembranças
de um pé-de-vento
e o redemunho
varrendo sonhos.

Desde o começo
desta epopeia,
homens e bichos
se circunscrevem

em puídos mapas,
em utopias
de sonhadores
do amanhã.

Volto ao passado,
vejo o presente
e a solidão
frutificada.

Sonho

Vili Santo Andersen

O sol, por todo o dia, trabalha e me faz cansar. A lua, à noite, passeia, me embala e me faz sonhar.

O sol
ao fim da tarde
bate o ponto
fecha o turno
apaga a luz
e vai dormir.

Da longa caminhada
põe-se a descansar.

Eu não.
Deito-me com a lua
e durmo para sonhar.

NATHALIE SARRAUTE ENTRE ELOGIOS E FAVORES

(Nilto Maciel)

Janete Clair tem me visitado. Na véspera de Natal, esteve em minha casa. Não trouxe um litro de aguardente (que ela tem ciência da minha abstemia) ou um broche de ametista (pois me considera homem íntegro); entregou-me, sim, exemplar de Nathalie Sarraute. Imaginem vocês o título. Não fazem ideia? Serei presto: *Disent les imbéciles*. Eu não sabia da existência dessa obra. Aliás, só li um romance de Nathalie: *Infância*. Leitura de muitos anos atrás. Nem me lembrava dela, embora não seja um desmemoriado. Confuso, afastei-me da discrição, sem perceber: "Por que você me dá isto?" Tentei consertar o erro: "Quero dizer: por que você escolheu esta autora?" Ela não se deixou enredar às malhas de meu palavrório: "Porque o senhor é um erudito".

Não gosto de receber elogio e, muito menos, favor literário. Para mim, por trás de toda frase pomposa (ou no seu bojo) vem um bando de marimbondos venenosos. São como aquele cavalo dos gregos. Estou sempre de sobreaviso. Não, não se trata de mania de perseguição, paranoia ou outra perturbação psíquica. A vida me ensinou a ser assim desconfiado. Toda glorificação exagerada me soa como adulação e me faz ficar com pulga atrás da orelha, sobretudo se vinda de quem não me conhece ou de novato no mundo das letras. Não me refiro a frases simples e sim ao uso desmedido de adjetivos do tipo "singular" e "excepcional", ou vocábulos como "melhor", "maior", "principal". Se acontecesse uma vez, eu não suspeitaria de nada. Sinto-me mal quando as bajulações se tornam repetitivas, dia após dia. Pois o emissor da lisonja se acha no direito de exigir, em troca, louvações estapafúrdias, como recompensa ou pagamento. E expede pelo correio (sob registro, com garantia de chegada) um livrinho chinfrim, desses de deixar qualquer analfabeto sem vontade de aprender a soletrar. "Se você puder escrever resenha ou artigo – não precisa ser longo..."

Janete Clair me espiava, embasbacada, como se ouvisse dos lábios de Cristo, ou outro sábio antigo, a Verdade Única. Interrompi o discurso: "Quer mudar de assunto, falar da ressurreição da carne, da vida eterna?" Ela se equilibrou no sofá: "Não, professor, não estou disposta a falar. Só desejo ouvi-lo". (As meninas e os meninos das universidades me têm como professor, eu que nunca me postei de costas para a lousa, o quadro negro ou verde, e sempre estive encolhido no mais recôndito e escuro recanto da sala de aula.)

Retomei o sermão (não da montanha, mas da patranha) e fiz a garota se extasiar: "Nunca recebi louvores desse tipo – e com a constância desses – dos lábios ou das mãos de escritores do nível de Moreira Campos, Francisco Carvalho, Anderson Braga Horta".

Ajeitei-me na cadeira de balanço e dei prosseguimento à lamúria: Toda exaltação falsa me deixa abatido. Ser sujeito de graça ou favorecimento literário me parece demasiadamente incômodo. Durante anos, mantive uma "revistinha de fundo de quintal" (como disse um leitor). Chamava-se *Literatura*. Não perderei tempo com lamentações tardias. Não lembrarei os prejuízos, nem o tempo perdido a revisar escritos repletos de erros de todo tipo. Não adianta chorar o leite derramado. Pelo contrário, preciso ver o lado bom de tudo: a publicação se mantinha às minhas custas e de alguns amigos (Aricy Curvello, Astrid Cabral, Batista de Lima, Dimas Macedo, Enéas Athanázio, Francisco Miguel de Moura, João Carlos Taveira, José Peixoto Júnior, Sérgio Campos, Soares Feitosa e outros menos constantes nas participações). A maior parte das páginas ocupávamos nós, os colaboradores regulares. A parte menor (cerca de vinte por cento) se preenchia com prosas e versos de sujeitos desconhecidos ou alheios ao nosso trabalho caseiro de revisão e arrumação das composições nas páginas em branco. Quase tudo terminava no cesto do lixo. (Não, não cometia esse delito, em respeito à natureza; sempre aproveitei, ao máximo, todo e qualquer papel, principalmente para neles praticar o pecado da criação).

Minha pupila parecia cochilar no assento. Eu fechava os olhos e a supunha enroscada em si mesma, feito gatinha manhosa. Ao abrir, eu me sentia mais enganado do que antes da criação de Eva: ela se encontrava tão atenta quanto rato em cozinha abandonada. "E onde entra o benefício?" Expliquei-lhe: Alguns sujeitos costumavam mandar versinhos, historietas, artigos sem verbos e sem advérbios. Os mais cínicos diziam: "Publicado o meu texto, me envie uns dez exemplares. No próximo número de minha revista sairá um conto seu". Os inescrupulosos agiam em sentido contrário aos cínicos. Primeiro difundiam trecho de minha obra (sem autorização), juntavam a uns exemplares do impresso seus papéis borrados e os endereçavam a mim. Por cima de tudo, como invólucro, vinha cartinha ou bilhete: "Terei muita honra em ser editado por você. Veja estas poesias". A fim de evitar essas especulações pecaminosas, nunca remeti (de vontade própria) colaborações a donos de periódicos literários. Cometi esse erro, sim, nos primeiros tempos, quando ainda não me tornara impressor de palanfrórios e de saltérios. A muito custo, faço chegar meus escritos às mesas de jornais e blogues.

Como a noite se anunciasse em pios estridentes nas árvores da rua, abri o livro de Nathalie Sarraute e li, em voz alta, umas frases. Não me lembro mais nem dos verbos, se *aimer*, se *savoir*. Se *j'aime*, se *je sais*. Janete Clair sorriu e não me chamou de erudito. Talvez eu tenha ouvido um murmurante "coitado!".

OS INTELECTUAIS NO MONTE OLIMPO

Jolimar Corrêa Pinto

Qualquer avaliação sobre o desempenho das classes dominantes em um país – sem a perspectiva histórica – corre o risco de estar impregnada de paixão, de interesses contrariados e, portanto, sem a necessária isenção – obrigatória no âmbito científico.

A análise das condições econômicas, sociais e políticas do Brasil atual vem sendo realizada por políticos, cientistas políticos, jornalistas e economistas, além de representantes dos setores profissionais de empregados e empregadores, todos defendendo seus próprios interesses ou pontos de vista vis-à-vis com os fatos correntes; são opiniões contaminadas com o calor dos debates e das conveniências, cientificamente imprestáveis.

E os intelectuais? parece-me que estamos instalados confortavelmente em um "Monte Olimpo", indiferentes aos dramas, aos questionamentos, às vicissitudes, às alegrias e tristezas que pairam sobre a humanidade. Estaríamos perplexos face aos terríveis, inexplicados, tenebrosos comportamentos – das pessoas simples até os líderes de todos os matizes, chefes de Estados e de governos, partidos políticos, líderes religiosos, grandes complexos empresariais e militares? Por que estaríamos silentes, não partícipes – na condição de naturais formadores de opinião – quando as massas revoltosas, ignaras, mal formadas, maltratadas, enganadas, encurraladas eleitoralmente estão carentes de uma orientação bem intencionada, que esteja interessada apenas no crescimento intelectual e social, na libertação de seres humanos acorrentados por esmolas analgésicas?

Estamos vivendo de um passado que não mais existe, presos a "verdades" já revogadas, defendendo posições que não se coadunam com as necessidades do momento, defendendo deuses já caídos, trocando elogios nem sempre merecidos, trilhando sendas povoadas de almas penadas, fazendo de conta que não temos a obrigação de analisar criticamente as instituições que nos governam – aqui e agora – naturalmente sem paixões partidárias.

Não podemos nos aprisionar em um academicismo vicioso – por mais que o queiramos virtuoso – sob pena de sermos acometidos futuramente de sofridos remorsos pela não participação, pela abstenção no momento em que o mundo – carente, não de palavras consoladoras, tranquilizantes, confortadoras, pacificadoras, sedativas, mas de convocação para a formulação de novos preceitos tendentes a inibir essa atual tendência à prática da violência como forma de se impor, seja na política quanto na religião ou nos relacionamentos comuns do dia-a-dia.

Somos – os intelectuais – pessoas cuja formação, vivência, criatividade, senso agudo de observação e comunicação, obriga-nos a exercitar o sacerdócio da salvação da humanidade enquanto seres vivos, de carne e osso, sem cometer hipocrisias ou estelionatos (o "conto do vigário"). Há uma carência que nós não podemos ignorar e a cujo atendimento não nos é dado faltar.

Ao ser questionado sobre se a decadência intelectual poderia prejudicar o equilíbrio do mundo, respondeu um cidadão ilustre, Publius Lentulus Cornelius:

> "Sem dúvida. E é por essa razão que observamos na paisagem político-social da Terra as aberrações, os absurdos teóricos, os extremismos, operando a inversão de todos os valores.
>
> "Excessivamente preocupados com as suas extravagâncias, os missionários da inteligência trocaram o seu labor junto ao espírito por um lugar de domínio, como os sacerdotes religiosos que permutaram a luz da fé pelas prebendas tangíveis da situação econômica. Semelhante situação operou naturalmente o mais alto desequilíbrio no organismo social do planeta, e, como prova real desse asserto, devemos recordar que a guerra de 1914-1918 custou aos povos mais intelectualizados do mundo mais de cem mil bilhões de francos, salientando-se que, com menos da centésima parte dessa importância, poderiam essas nações haver expulsado o fantasma da sífilis do cenário da Terra."

Os religiosos bem intencionados se dizem salvadores das almas, cabe-nos procurar mostrar à humanidade como tomar atitudes visando ao próprio bem-estar, e prescindir dos comandos de lideranças carismáticas, cujos propósitos inconfessáveis estão preponderantemente a serviço dos interesses próprios ou grupais; e costumam levar os países a sangrentas revoluções destruidoras e fratricidas.

Compromissados apenas com a busca da verdade, isentos de paixões ou interesses subalternos, cuidemos de dar um *vade retro* à nossa olímpica indiferença, quando nada para estimular o debate elegante de questões mal resolvidas que estão atribulando nossas vidas.

SONETOS E XILOGRAVURAS

Fontes de Alencar

I - O século XX não vencera o primeiro quartel. João Ribeiro, de cultura resplendente, entregou aos coetâneos, em 1917, seu livro O *Folk-lore (Estudos de literatura popular)* – Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos – Livreiro-Editor. Cinco decênios escoaram-se até que essa meritória obra fosse republicada: *O Folclore* – Rio: Organização Simões, editora, 1969; contendo Introdução de Joaquim Ribeiro. Daquela primeira edição colho: *Mais de setenta anos há que apareceu pela primeira vez a palavra* folk-lore*, em um artigo do Athenaeum de Londres. Propunha-o W. Toms, como expressão técnica apropriada ao estudo das lendas, tradições e da literatura popular.*

A palavra teve a boa fortuna de se difundir igualmente pelos povos latinos cujas línguas não possuem a faculdade plástica de criar neologismos senão em condições raras. Em geral recorremos ao grego e o termo demologia *seria o correspondente literal de* folk-lore. *O alemão seguiu a mesma corrente inglesa com os vocábulos Volkslehre e Volkskunde.*

E trago ainda: *Os animais são como deuses familiares para o homem primitivo. As primeiras histórias são naturalmente histórias de animais, ou* fábulas, *como se disse depois.*

Que muito! se todos os selvagens, quase todos, tinham o seu totem, *se reputavam descendentes de um bicho; se os brasões dos seus avós se confundiam com o bestiário das suas paisagens nativas!*

Impende aqui o registro de ter Hermes Fontes (1888-1930) publicado em 1919 seu livro *Microcosmo – Elogio dos insetos e das flores* (Rio: Livraria Leite Ribeiro e Maurillo). Nessa coletânea estão *O Grilo, O Louva-deus* e *O Mosquito* – quatorzetos.

II - A Confraria dos Bibliófilos do Brasil promoveu em 2013 a publicação de *Bestiário da Poesia Brasileira – Xilogravuras de Leonardo Alencar,* com cinqüenta descrições de animais, sonetos de distintos poetas. Da Costa e Silva aparece com quatro peças; Hermes Fontes, com três; Otacílio de Azevedo, Bastos Tigre e Jorge Faleiros, com duas, cada qual. Humberto de Campos, Lêdo Ivo, Luís Delfino, Júlio Maciel, Júlio Salusse, Olavo Bilac, Antonio Sales, Augusto dos Anjos e Alberto de Oliveira também estão na antologia. Um soneto, uma xilogravura de Leonardo Alencar, artista a pleno, tanto na xilografia quanto no área pictural. *Terra adentro, mar afora!* (Aracaju: Banese, 2009) é álbum que reproduz quadros seus. Criações suas espalham-se pelo Brasil, a velha Europa e Estados Unidos da América.

III - Ato-me, ora, ao bardo Otacílio de Azevedo, que assim cantou sua terra:

Sob o claro esplendor de amplo céu de cobalto
que arde aos beijos do sol que ilumina a amplidão
dentro do circulo de pedras de um planalto,
fulge, alegre e feliz, radiosa, Redenção!

Otacílio de Azevedo

Em Fortaleza foi publicado em 1986 *Trigo Sem Joio (Seleção de Poemas)* do redencionista com introdução de Sânzio de Azevedo, membro da Academia Cearense de Letras. Nesse texto seu ilustre filho registra que ele foi "*parnasiano, pela sua formação e, sobretudo pela época em que floresceu sua poesia no Ceará. Mas parnasiano no sentido brasileiro do termo, raras vezes pagando tributo à chamada impassibilidade, que deveria ter caracterizado o Parnasianismo francês e que mesmo na França esteve presente em poucos poetas. Nem podemos esquecer, no poeta cearense, as notas herdadas do Simbolismo, para não falar do Romantismo subjacente. O próprio poeta costumava classificar-se como um parnasiano-simbolista*".

Otacílio de Azevedo ocupou na mencionada instituição academial a cadeira 26, de que é patrono o filólogo Manoel Soares da Silva Barbosa, e ali foi saudado por Jader de Carvalho. Eis, leitor, aqueles dois sonetos de Otacílio de Azevedo, que primeiramente estão em seu poemário *Réstia de Sol*, editado em 1942:

O CAMALEÃO

No corruscante olhar a hirta pupila acesa,
cujos raios visuais são fontes de atração,
ante os sáurios que há dentre a imensa natureza,
outro não há que se compare ao camaleão.

Transmuda-se-lhe o dorso em safira, turquesa,
esmeralda, topázio e fulge à combustão,
numa espécie incomum de arco-iris, que a riqueza
das cores faz vibrar da luz a refração...

Para o inseto atrair à ígnea boca, a distância
fica imóvel, e estende a língua prenhe de ânsia,
cujo extremo se curva, à aparência de anzol...

E quando quer fugir a inimigo que assoma,
numa metamorfose, um novo corpo toma
e esconde-se através de uma réstia de sol...

O PAVÃO

De uma piscina ao sol, sobre o friso doirado,
sob o pálio aromal de amplo caramanchão,
com o porte varonil de um príncipe encantado,
flóreo leque distende à frouxa viração.

Da água no úmido espelho o seu corpo estampado
à luz que o faz fulgir ao calor do verão
de esmeraldas rubis, safiras, o irisado
incêndio faz supor, em perfeita ignição!

Como o delito a expiar de estranho crime impune,
num surto de desdém todas forças reúne,
e desta o metal da mais roufenha voz,

cujo som convulsiona em círculos amargos
todo o tanque, ora azul, onde os cem olhos Argos
ardem-lhe à cauda real num turbilhão de sóis.